

Produção industrial acumula queda de 1,5% em 4 meses e economistas esperam cenário desafiador

Dos 25 ramos que compõe a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, do IBGE, 13 apresentaram recuo em julho

Por **Marcelo Osakabe** e **Lucianne Carneiro**, Valor — São Paulo e Rio

03/09/2025 14h12 · Atualizado agora

Pressionada pelo aperto das condições financeiras, desaceleração da economia e incertezas geradas, entre outros, pela alta das tarifas dos Estados Unidos, a produção industrial voltou a apontar para baixo em julho, segundo dados do IBGE. Economistas avaliam que o cenário para o setor deve se manter desafiador nos próximos meses.

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), o setor contraiu 0,2% na passagem de junho para julho, resultado em linha com a mediana das projeções colhidas pelo **VALOR DATA**.

O resultado de junho foi revisado de alta de 0,1% para estabilidade. Com isso, a indústria chega ao seu quarto mês seguido sem apresentar avanço, período no qual acumula queda de 1,5%.

Dos 25 ramos que compõe a pesquisa, 13 apresentaram recuo. Metalurgia (-2,3%) motocicletas, aviões e embarcações (-5,3%) e bebidas (-2,2%) foram destaques negativos da divulgação.

Na outra ponta, produtos farmacêuticos (7,9%) e produtos alimentícios (1,1%) estiveram entre os ramos de melhor performance no mês.

No cômputo geral, o mês de julho teve um predomínio de taxas negativas, o que reforça a perda de tração do setor, avaliou o gerente do IBGE responsável pela PIM-PF, André Macedo.

“O ano de 2025 tem uma característica de menor intensidade mês a mês. Passados sete meses do ano de 2025, está apenas 0,3% acima do patamar do fim de 2024”, destaca.

Para João Leme, economista da Tendências Consultoria, os números de julho reforçam o contraste entre os setores extrativo e de manufatura, também presentes na divulgação do PIB do segundo trimestre.

“Era algo esperado. A indústria extrativa vem bem pelo fato de já ser uma produção basicamente contratada. O petróleo teve um calendário bastante positivo entre lançamento de novas unidades estacionárias ou no aumento da produção das já existentes, bem como um cronograma relativamente benigno em termos de paralisação para manutenção dessas unidades. O minério de ferro também tinha perspectiva positiva pelos planos de expansão da produção da Vale e CSN. Vale lembrar que 2024 foi bem ruim para essas indústrias, então a base de comparação é relativamente enxuta”, diz.

A indústria de transformação, por outro lado, segue refletindo os efeitos da política monetária restritiva e também do aumento do IOF, que encarece o crédito, nota Leme.

“De certa forma, tudo isso acabou adiantando um pouco a perspectiva que a gente tinha de desaceleração econômica para o segundo semestre. O cenário para a transformação continua sendo relativamente ruim, em ambiente de incerteza fiscal e externa, ainda que acolchoada pelo Plano Brasil Soberano e outras medidas dos governos estaduais”, pondera.

Com o resultado de julho, a média móvel trimestral da indústria caiu a 0,3%, resultado ainda amparado por segmentos voláteis, como o extrativo e o farmacêutico, destaca Leonardo Costa, economista do ASA. “A leitura foi menos negativa que o esperado, mas a composição sugere perda de fôlego nos setores ligados a consumo e investimentos”, pondera. Este quadro de acomodação, segue, é reforçado pela queda expressiva dos indicadores de confiança do setor em agosto.

Para Rodolfo Margato, da XP Investimentos, a combinação de condições financeiras restritivas e o fim da capacidade ociosa em vários ramos devem levar o setor a andar de lado nos próximos meses. Por outro lado, a resiliência do mercado de trabalho e a forte expansão da indústria extrativa evitarão um ciclo recessivo na indústria geral.

“Projetamos que a produção industrial total crescerá 1,2% em 2025, após aumento de 3,1% em 2024”, afirma Margato em comentário distribuído. Vale ressaltar que, embora o tarifaço promovido pelos EUA já tenha afetado a confiança da indústria em julho, seus efeitos plenos começam a valer apenas a partir de agosto, quando as tarifas foram implementadas. Os últimos dados, portanto, não refletem integralmente esse efeito, nota André Valério, do banco Inter.

Ele destaca, por exemplo, o avanço de 1,2% na produção de máquinas e equipamentos, “talvez o setor mais exposto às tarifas americanas, uma vez que não foram isentos”.

Olhando adiante, diz Leme, da Tendências, o setor de bens de capital também pode sofrer com a desaceleração do agro, cuja demanda aparece principalmente no primeiro semestre junto da safra, e também da construção civil, que também mostra sinais de perda de ímpeto em meio aos juros altos.

Por outro lado, o economista vê alguma chance de melhora por parte da demanda dos bens de consumo durável. Ainda que o crédito mais caro pese, medidas como o crédito consignado privado, o saque do FGTS e a redução do IPI para carros sustentáveis pode dar algum aparo a esse segmento, diz.